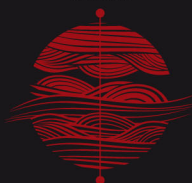




WENCESLAU D MORÆS

**Fernão Mendes Pinto
no Japão**

1854 2004



W. MORÆS
150 ANOS

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Fernão Mendes Pinto no Japão

Autor: Wenceslau de Moraes

Edição: Instituto Camões
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Outubro de 2004

ISBN: 972-27-1352-3

Depósito legal: 217 777/04

WENCESLAU D MORÆS

**Fernão Mendes Pinto
no Japão**

INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ANA PAULA LABORINHO



Edição integrada nas Comemorações
dos 150 Anos de Wenceslau de Moraes

INTRODUÇÃO

No ano em que se comemoram 150 anos sobre o nascimento de Wenceslau de Moraes (1854-1929), devemos reconhecer que o autor continua pouco conhecido e arredado dos interesses académicos. Embora a obra completa esteja traduzida em japonês e grande parte em inglês, não existe uma edição consequente em português, apesar de alguns projectos editoriais terem anunciado a intenção de publicar a obra integral, o que ainda não foi levado a cabo ¹.

São sobretudo os críticos estranhos a Portugal, caso do alemão Helmut Feldmann, que têm interrogado o esquecimento a que se encontra votado Moraes, praticamente desconhecido fora de Portugal e do Japão, «o que é tanto mais para admirar quanto, comparado com Pierre Loti (1850-1923) e Lafcadio Hearn (1850-1904), que foram traduzidos em quase todas as línguas europeias e tiveram influência decisiva na criação da imagem do Japão no Ocidente», e isto apesar de a obra de Moraes resultar de «vivências bem mais prolongadas e ricas naquele país» ².

¹ O projecto de publicação da obra completa em dezoito volumes, iniciado em 1971 pela Parceria A. M. Pereira, foi interrompido após o quinto volume. Em 1993, por ocasião das comemorações dos 450 anos da chegada dos Portugueses ao Japão, a Fundação Oriente editou uma colecção de cartas, inéditas na sua maioria, *Cartas do Extremo Oriente* (Lisboa, 1993), bem como uma notável *Fotobiografia* (Lisboa, 1993), ambas as obras organizadas por Daniel Pires. Na mesma década, a Editorial Vega publicou várias obras de Wenceslau de Moraes começando pelo ensaio que agora se reedita (1993), seguindo-se *O Culto do Chá* (1996) e *Relance da Alma Japonesa* (1999). Algumas das obras de Moraes não conheceram reedição depois da morte do autor.

² Helmut Feldmann, trad. port., *Wenceslau de Moraes e o Japão*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992, pp. 11-12.

Na verdade, Hearn viveu no Japão de 1890 a 1904, enquanto Loti apenas permaneceu poucos meses na qualidade de oficial da Marinha. Antes do Japão, Moraes vive cerca de dez anos em Macau, onde chega em Julho de 1888, depois de um período (1876-1886) em que, como oficial da Marinha, efectua numerosas missões a Moçambique, bem como a Angola, Timor, Madeira, mas passando também longos períodos em Lisboa³. Em Macau, onde permanece até 1898, é nomeado em 1891 imediato da Capitania do Porto e, no mesmo ano, delegado do superintendente da fiscalização da importação e exportação do ópio. Em Julho de 1893, é encarregado de adquirir no Japão armamento para Macau e Timor, mas as negociações não são bem sucedidas e, com o mesmo objectivo, regressa ao Japão no Verão de 1894, desta vez com êxito. Em Julho de 1897, realiza nova viagem ao Japão para acompanhar o Governador de Macau, Eduardo Galhardo, nos primeiros contactos exploratórios com vista ao restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais praticamente encerradas desde o século XVII. Ambos são recebidos pelo imperador e, no regresso, Eduardo Galhardo elabora relatório para Lisboa onde faz notar a urgente necessidade de abrir um consulado em Kobe, à semelhança do que acontecia com outras nações europeias.

Desde a primeira viagem turística a Kobe e Iokohama, em Agosto e Setembro de 1889, ainda antes das missões oficiais ao Japão, Moraes mostra grande atracção pelo País do Sol Nascente, o que o leva a profetizar:

Estou num país delicioso, o Japão. Era aqui em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra destas árvores que não têm parceiras no Mundo; [...] mas deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à providência um agradecimento [4 de Agosto de 1889].

A intensidade do apelo nipónico revela-se desde as duas primeiras obras escritas ainda em Macau: *Traços do Extremo Oriente* (Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1895) inclui um longo capítulo inti-

³ Acerca do percurso cronológico do autor, vide Daniel Pires, *Wenceslau de Moraes. Fotobiografia*, Lisboa, Fundação Oriente, 1993.

tulado «Saudades do Japão», enquanto o segundo livro, *Dai-Nippon (O Grande Japão)* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1897), percorre de forma apaixonada a história, a arte, os costumes do país amado. Todas as obras seguintes terão por exclusivo interesse o Japão.

Ao mesmo tempo que se adensa este caminho de Moraes para o Extremo Oriente, assiste-se a um progressivo afastamento de Portugal, onde irá pela última vez no ano de 1891, prescindindo a partir dessa altura da licença especial concedida de três em três anos aos oficiais em missão ultramarina.

A distância de Portugal não irá, porém, significar um corte com um país a que ficará ligado até morrer pela assídua e prolixa correspondência que mantém com familiares e amigos. Moraes recria um efeito de estranhamento em relação à sua pátria que também existirá relativamente ao universo nipónico: do mesmo modo que o mundo português fica embaciado pela distância, também o Japão se mantém longe, visto que o estrangeiro Moraes nunca alcançará a integração plena. Mas o efeito conseguido não significa um abrandamento da visão — «*Imagens que passais pela retina / Dos meus olhos, porque não vos fixais?*» (Camilo Pessanha) —, antes a interposição de lentes que permitem a incisão do olhar.

Wenceslau de Moraes exercerá com dignidade e dedicação o cargo de cônsul de Portugal em Kobe e Osaka, para o qual é acreditado pelo imperador em 29 de Setembro de 1899, depois de um curto período como cônsul interino de Itália e vice-cônsul. O novo cônsul trabalhará afincadamente no estabelecimento de um acordo comercial e apresenta vários relatórios sobre os produtos a trocar: do lado português, conservas, azeite, produtos coloniais — marfim, borracha, café; as exportações japonesas: sedas, bambu, papel, bonecas, quinilharia, charão. Conseguir, assim, que algumas empresas portuguesas participem na grande exposição que, em 1903, se realiza em Osaka, «maravilhoso incidente, que trouxe a estranhos a nítida noção do alto grau a que subiram as actividades pacíficas do nipónico; e na qual, meia dúzia de rolas de cortiça, algumas garrafas de vinho do Porto e duas ou três latas de sardinhas favoreceram o agradável pretexto para que a bandeira portuguesa viesse flutuar, naquele certame festivo, ao lado das bandeiras de todas as outras nações cultas»⁴.

⁴ Wenceslau de Moraes, *A Vida Japonesa*, Porto, Lello & Irmão, 2.^a ed., 1985, p. 8.

A pouco e pouco, porém, a sua outra vida ocupa mais largo espaço. Em 10 de Junho de 1913, Dia de Portugal, Moraes requer a demissão do cargo de cônsul-geral para o qual havia sido confirmado pelo novo governo republicano, em Março desse ano. No telegrama remetido, invoca razões de saúde, embora alguns biógrafos preferiram a versão romântica de que Moraes pretenderia acompanhar na morte a sua amada Yoné.

A crítica insistiu longo tempo na importância das mulheres como determinantes do seu percurso de vida: a ida para Macau resultaria do rompimento com Maria Isabel dos Santos, enquanto o exílio em Tokushima seria a forma de se manter junto do túmulo de Yoné, com quem casara em 1900, e que morre em 1912⁵. É inegável o interesse de Moraes pelas figuras femininas, em especial a mulher japonesa, a que dedica capítulos e muitas páginas em vários livros. Como outros viajantes contemporâneos, a mulher exótica serve a descoberta da alma do país: a paixão do homem pela mulher transfere-se para o país e, por isso, à medida que o amor se aprofunda, o estrangeiro adensa o seu caminho adentro do país estrangeiro.

Outros críticos, porém, relativizam o papel das mulheres que participaram na vida de Moraes, e explicam o seu percurso como construção de um destino literário de que a mulher, o Japão, o exílio, serviriam como mola essencial da escrita e da reflexão. Helmut Feldmann desenvolve esta ideia ao longo do seu ensaio mostrando como o desígnio assumido por Moraes serve como inversão da decadência nacional:

Morais considera-se, essencialmente, um escritor, quer dizer um homem de excepção entre os estrangeiros residentes no Japão. Acha que a missão literária exige a renúncia à felicidade privada. Terá, portanto, de permanecer no Japão, aprofundar cada vez mais o seu conhecimento de Dai-Nippon, revelar aos leitores portugueses esse mundo superior, dar-lhes uma fé e libertar assim energias latentes com vista à edificação de um futuro melhor. Moraes apresenta-se como mártir, disposto a sacrificar a vida por uma ideia considerada sublime. Embora saiba que será sempre considerado um intruso, a sua paixão pelo Dai-Nippon não diminui.⁶

⁵ Cf. Ângelo Pereira e Oldemiro César, *Os Amores de Wenceslau de Moraes*, Lisboa, Editorial Labor, 1937.

⁶ Helmut Feldmann, ob. cit., pp. 98-99.

A inversão da decadência nacional tem representação magnífica no tempo das descobertas e nos viajantes quinhentistas de que Fernão Mendes Pinto é exemplo maior. Em 1920, publica o ensaio *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, mas já em 1887 a edição de *Dai-Nippon (O Grande Japão)* revela a admiração que Moraes nutre pelo aventureiro. A obra, publicada por ocasião do quarto centenário do descobrimento da Índia, aparece coroada pela seguinte dedicatória: «À Memória dos Viajantes Portugueses do Século XVI e especialmente Fernão Mendes Pinto que tão bem descreveu o Japão do Seu Tempo.»

A ideia de escrever o ensaio sobre Pinto pode ter germinado com o pedido de esclarecimento que lhe dirige Cristóvão Aires sobre a polémica questão de Fernão Mendes Pinto ter integrado a primeira tripulação portuguesa que, em 1543, aportou ao Japão. Em carta enviada de Kobe, em 1 de Novembro de 1904, ao amigo Vicente Almeida d'Eça, Moraes comenta essa solicitação:

Agora, o Cristóvão Aires pede-me opinião sobre o Fernão Mendes Pinto. Ora, que maçador! Como se eu soubesse quem foi este sujeito! Não posso com trabalho, não posso com trabalho! E no entanto bendigo-o, porque, se não fosse ele, sofria muito. Hoje, por assim dizer, vivo de escrever, de mais nada. Mas gostaria ainda de divagar por alguns minutos, de sonhar de quando em quando, mas não me chega o tempo!... ⁷

A ambivalência deste comentário é bem característica da atitude do autor em relação a Mendes Pinto, como em relação ao Japão, a Portugal ou a si próprio: nos seus inúmeros escritos perpassa uma forma de atracção-repulsão de que é particularmente sintomática a escolha do exílio e, em simultâneo, a compulsiva vertente epistolar que serve para atenuar a distância e está na raiz da dramática afirmação «vivo de escrever, de mais nada». Estas dualidades são, afinal, o traço essencial de uma poética confessional que tem sido entendida como romantismo tardio, mas que participa do fraccionamento do sujeito que se anuncia nas correntes finisseculares (não será o exílio ou outra qualquer distância formas desse fraccionamento?).

⁷ Jorge Dias (introdução, transcrição, notas e comentários), *Mensagens de Honshu e de Shikoku: a Correspondência de Wenceslau de Moraes para Vicente Almeida d'Eça*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1998, p. 138. Grafia actualizada.

Menos de um mês depois da primeira carta, em 29 de Novembro, Moraes escreve ao mesmo amigo e junta missiva para ser entregue a Cristóvão Aires com as informações solicitadas. Diz essa curta carta:

Muito a correr. Um sábio de Lisboa, Cristóvão Aires, lembrou-se há tempos de vir acordar-me da minha modorra habitual, perguntando-me o que eu sabia de Fernão Mendes Pinto, como se eu soubesse alguma coisa de semelhante ratão. No Japão também nada se sabe dele. Cristóvão Aires dá grande crédito a um trabalhinho de um tal Gastão Mesnier, que acompanhou o S. Januário ao Japão, mas a meu ver não merece nenhum (entre nós). E o tal jovem secretário do M.^o dos Estrangeiros de Tóquio, que falou de Fernão Mendes a Mesnier, deve ser um senhor Yoshida que eu conheço e que não tem mérito algum de literato, que apenas fala excelentemente francês que naturalmente por cortesia e *ofício* disse ao Mesnier que os japoneses conheciam muito bem Fernão Mendes! Et voilà comme on écrit l'histoire!... ⁸

Cristóvão Aires desenvolveu notável pesquisa sobre o viajante quinhentista, tendo apresentado duas memórias à Academia Real das Ciências de Lisboa. Em 1904, publica a primeira memória em que trata de questões controversas da biografia de Fernão Mendes Pinto, anexando diversos documentos, entre os quais uma carta de Vicente Almeida d'Eça sobre o roteiro da última viagem de Pinto, de Goa ao Japão, em 1554-1556 ⁹. Em 1906, Cristóvão Aires publica a segunda memória, quase exclusivamente dedicada às viagens de Pinto ao Japão, juntando a carta que lhe enviara Wenceslau de Moraes ¹⁰. Na referida carta, que se publica na presente edição, Moraes começa por enumerar as razões que dificultam a resposta e, em seguida, percorre os argumentos a favor ou contra a versão da *Peregrinação* que apresenta Pinto e seus companheiros Zeimoto e Borralho como os pioneiros da chegada ao Japão. Moraes con-

⁸ Jorge Dias (ob. cit., p. 139) informa que Moraes se refere ao livro de Pedro Gastão Mesnier, *O Japão — Estudos e Impressões de Viagem* (Macau, 1874).

⁹ Cristóvão Aires, *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a Sua Biografia e para o Estudo da Sua Obra*, Lisboa, Tipografia da Academia, 1904.

¹⁰ Cristóvão Aires, *Fernão Mendes Pinto e o Japão. Pontos Controversos. Discussão. Informações Novas*, Lisboa, Tipografia da Academia, 1906.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO, por ANA PAULA LABORINHO	7
FERNÃO MENDES PINTO NO JAPÃO	23
FAC-SÍMILE DO MANUSCRITO	65
CARTA DE WENCESLAU DE MORAES A CRISTÓVÃO AIRES	105